

DESENVOLVENDO A EXPRESSÃO DO SE-MOVIMENTAR ATRAVÉS DA GINÁSTICA PARA TODOS

DE SÁ, José Jhean¹

FERREIRA, Jessé Emanuel¹

DE JESUS, Rosana²

PEREIRA, Lana Gomes²

RESUMO: A ginástica é uma prática pertencente à cultura de movimento, e o conhecimento a respeito da mesma no contexto escolar é previsto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Porém na realidade escolar, apresenta-se negligenciada pelos professores, que alegam falta de infraestrutura (materiais e espaços), bem como a dificuldade metodológica de trabalhar esse conteúdo fora dos moldes do treinamento desportivo. A Ginástica Para Todos (GPT) se insere nesse cenário como a base de todas as ginásticas, pois não visa a competição e alto-rendimento, prioriza o divertimento e o prazer de praticar, é possível para todos, independentemente da idade; e pode ser adaptada às condições disponíveis, proporcionando a participação e estimulando a criatividade. No presente texto, que reflete as experiências vivenciadas no estágio supervisionado, objetivou-se desenvolver, através da GPT o conhecimento do corpo, suas possibilidades de movimento e a expressão do Se-Movimentar. O trabalho se apresenta fundamentado em elementos da pesquisa-ação, de abordagem qualitativa, realizado em turmas do primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental no município de Itajaí (SC). Como meio de coleta de dados utilizou-se de relatórios de observação, questionários, avaliações e rodas de conversa, bem como depoimentos ocorrentes durante as práticas. Os resultados obtidos evidenciaram que a GPT promove vivências simultaneamente lúdicas e desafiadoras, a transcendência de limites, a expressão corporal (inter)subjetiva, bem como a melhora das habilidades motoras fundamentais relacionadas à Ginástica, porém, não se bastam à mesma, pois são habilidades utilizadas na vida cotidiana.

¹ Acadêmicos do 6º período do curso de Licenciatura em Educação Física da UNIVALI.

² Professoras orientadoras da disciplina de Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica do curso de Licenciatura em Educação Física da UNIVALI.

PALAVRAS-CHAVE: Ginástica. Educação Física. Escola. GPT.

ABSTRACT: Gymnastics is a practice belonging to the movement's culture and knowledge about it in the school context is provided by the PCNs. But in the school reality, it presents neglected by teachers who claim lack of infrastructure (materials and spaces), as well as the methodological difficulty of working this content out of the mold of sports training. Gymnastics for All (GPT) is included in this scenario as the basis of all gymnastics because not intended to competition and high-yield, prioritizes the fun and pleasure of practice, it is possible for everyone, regardless of age; and can be adapted to the conditions available, providing participation and stimulating creativity. This text, which reflects the experiences in supervised internship, with the aim of develop, through the GPT, the corporal knowledge, its possibilities of movement and expression of Move-yourself. The work is based on the research-action elements, a qualitative approach, carried out in first and second year classes of elementary school located in the city of Itajaí (SC). Data collect method was observation reports, questionnaires, evaluations and conversation circles, as well as testimonials occurring during practices. The results showed that GPT promotes simultaneously entertaining and challenging experiences, transcendence of the limits, the (inter)subjective body expression, and the improvement of basic motor skills related to gymnastics, but not enough to it, as are skills used in everyday life.

KEYWORDS: Gymnastics. Physical Education. School. GPT

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema de Ginástica pelos acadêmicos teve como base a experiência pessoal (um dos acadêmicos já ministrou esse conteúdo em um projeto escolar) e a necessidade de inserir conteúdos que são propostos pelos PCNs para o ensino da Educação Física Escolar, que muitos professores têm negligenciado, seja por falta de infraestrutura (materiais e espaços) como também a dificuldade metodológica de trabalhar esse conteúdo fora dos moldes do treinamento desportivo. Sobre esta realidade, Almeida (2005, p.16) diz que “o conhecimento da ginástica não está mais presente na escola pública, enquanto conhecimento

alicerçado em uma consistente base teórica, mas como uma modalidade esportiva para poucos”.

Segundo os PCNs de Educação Física, a ginástica se constitui de “técnicas de trabalho corporal, assumem um caráter individualizado com finalidades diversas, que [...] envolvem ou não a utilização de materiais e aparelhos, podendo ocorrer em espaços fechados, ao ar livre e na água” (BRASIL, 1997, p. 37).

A Ginástica no contexto da Educação Física Escolar foi historicamente construída, e como bem cultural, foi transformada ao longo do tempo juntamente com a sociedade (ALMEIDA, 2005). Seus primeiros registros foram na Grécia Antiga, e o nome deriva do grego *gymnastiké* significando a “arte ou ato de exercitar o corpo nu”. Caracterizado pela busca da saúde e da beleza, consistia-se de “[...] exercícios físicos em geral e estes compreendiam corridas, lançamentos, saltos, lutas, etc.; em resumo, todos os exercícios denominados na atualidade atletismo ou esportes”. (LAGLANDE & LAGLANDE, 1986 *apud* AYOUB, 1998, p. 36).

Ao longo de sua evolução na Europa, com os Métodos Ginásticos Europeus (Alemão, Francês, Inglês e Sueco), ocorre a sistematização e cientificação dessa prática, e ao longo dessa transformação, suas finalidades mudaram de acordo com o país onde era pesquisada e desenvolvida. Nas suas “primeiras sistematizações, [...] o termo ginástica englobava uma enorme gama de práticas corporais, tais como: jogos populares e da nobreza, acrobacias, saltos, exercícios militares de preparação para guerra, esgrima, equitação, danças e canto” (SOARES, 1998 *apud* AYOUB, 1998, p. 36).

Assim, com a inserção da pesquisa, das ciências físicas e biológicas e da técnica (século XIX), a ginástica incorpora elementos, descritos por Ayoub (1998) como “pedagogia do gesto”, “gesto gímnico” e “educação do movimento”. Desse modo, a ginástica vai gradativamente se distanciando do seu núcleo primordial, “negando suas origens, a sua autenticidade [...], negação do prazer, do simples entretenimento que a atividade livre e lúdica [...] proporcionava, acentua-se a oposição entre a ginástica e o campo dos divertimentos, gerando um abismo mais profundo entre ambos” (*ibidem*, p. 40). A partir de 1939, com a realização das Lingíadas, ocorre uma aproximação das escolas ginásticas europeias e se inicia uma fusão dos sistemas. Somente o sistema Inglês toma uma direção diferente, e sua evolução culmina com o desenvolvimento dos esportes. Isso não significa que a

ginástica tenha tomado uma direção diferente, mas, como aponta Ayoub (1998), a ginástica evolui como um irmão do Esporte Moderno, no que se refere a valorização do alto-rendimento e o predomínio da técnica.

Com a ascensão do modelo capitalista, tudo se transformou em objeto de consumo, inclusive os esportes e a ginástica. Esse modelo de sociedade, segundo Kunz (2014), transformou inclusive os espaços físicos e materiais que são utilizados na prática, fazendo com que esta, se torne normatizada e padronizada, “impedindo assim que um horizonte de outras possibilidades de movimentos possa ser realizado” (KUNZ, 2014, p. 31). Conforme Huizinga (1980, p. 219-220 *apud* BRACHT, 2005, p. 22)

[...] esta sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte implica a perda de uma parte das características lúdicas mais puras. [...] O espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação. Isto afeta também os amadores, que começam a sofrer de um complexo de inferioridade. [...] a ligação com o ritual foi completamente eliminada, o esporte se tornou profano, foi dessacralizado sob todos os aspectos e deixou de possuir qualquer ligação orgânica com a estrutura da sociedade, sobretudo quando é de iniciativa governamental. [...] seja qual for sua importância para os jogadores e os espectadores, ele é sempre estéril, pois nele o velho fator lúdico sofreu uma atrofia quase completa.

Como consequência dessa “privação” da capacidade autônoma, livre e criativa, o homem, com sua rotina regrada pelos meios de produção, se torna alienado e reificado (*idem*,2014).

A Ginástica para Todos (GPT), antigamente denominada Ginástica Geral, compreende a base de todas as ginásticas, com e sem equipamentos e ainda danças, folclore e jogos, e não visa à competição e alto-rendimento, prioriza o divertimento, o prazer em praticar. Segundo Ayoub (2003, p. 48) “[...] não há restrições às regras e as pessoas não são classificadas em melhores e piores. A GPT tem o contexto mais educacional e de participação”, é possível para todos, independentemente da idade e em qualquer lugar, podendo ser adaptada às condições disponíveis, proporcionando a participação e estimulando a criatividade.

Consoante Oliveira (2007, p. 30), na GPT “as atividades são oportunidades privilegiadas, porque são geradas criativa e espontaneamente, a partir da tomada de contato com o outro, da percepção e reflexão sobre as pessoas e a realidade na qual estão inseridas”. Portanto, a GPT torna-se conteúdo de suma importância no processo de emancipação dos sujeitos. Entende-se por emancipação como o processo de libertação dos falsos interesses, desejos e necessidades, reforçados

constantemente pelas instituições formadoras de consciência ideologicamente falsas (os meios de comunicação e os esportes) (KUNZ, 2014). Para que ocorra, o ensino deve ter enfoque nas competências objetiva, social e comunicativa. (*Ibidem*).

De forma complementar, mas não menos importante, procurou-se ampliar o repertório motor dos alunos, aprimorando as habilidades motoras fundamentais, definidas por Gallahue & Donnelly (2008) e Barbanti (2003) como habilidades de locomoção (atos motores que surgem dos movimentos da vida diária do ser humano e dos animais, expressa um grau de qualidade de coordenação de movimentos; onde o corpo é transportado para uma direção vertical ou horizontal de um ponto a outro, por exemplo, rolar, saltar) e de equilíbrio (movimentos ao redor dos eixos horizontal ou vertical, sem sair do lugar, também referidas como habilidades não-locomotoras que são a base para as outras habilidades locomotoras e manipulativas) relacionadas com a Ginástica.

Sendo a ginástica componente curricular dos anos iniciais do Ensino Fundamental, necessária na escola, porém esquecida pelos professores, lança-se a seguinte questão: de que forma a Ginástica para Todos pode contribuir no desenvolvimento da expressão do Se-Movimentar dos alunos?

O objetivo geral da pesquisa é desenvolver, através da Ginástica para Todos (GPT) o conhecimento do corpo, suas possibilidades de movimento e expressão corporal através do Se-Movimentar. Para tanto, necessita-se diagnosticar conhecimentos prévios dos alunos sobre os movimentos da GPT para que no decorrer do processo os mesmos possam reconhecer a GPT e seus movimentos; aprimorar o controle do corpo e habilidades motoras fundamentais; criar movimentos manipulativos e de coordenação; desenvolver a criatividade; socializar-se, comunicar-se e interagir; e desenvolver o trabalho em equipe.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa possui enquanto metodologia elementos da Pesquisa-ação sendo caracterizada segundo Thiollent (*apud* GIL, 1999, p. 55) por:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

É importante esclarecer que não realizamos uma pesquisa ação no sentido estrito do termo, mas, construímos aproximações com elementos da mesma, como por exemplo, o fato de estarmos intervindo e ao mesmo tempo pesquisando nossa prática pedagógica. Esta pesquisa é de abordagem qualitativa. O autor Triviños (1987) descreve a pesquisa qualitativa como sendo a busca de seu foco o envolvimento do pesquisador com o processo da pesquisa, procurando desvelar o objeto, interpretando seus sentidos e significados. Godoy (1995, p.62 *apud* NEVES, 1996, p. 1) existem:

[...] características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, a saber: (1) O espaço natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; (2) O caráter descritivo; (3) O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; (4) aspecto indutivo.

As intervenções ocorreram em uma escola pública da rede municipal de Itajaí (SC), especificamente nos seguintes ambientes: quadra e sala de aula. Foram realizadas quatorze intervenções. Como meio de coleta de informações ou instrumentos de pesquisa utilizamos os planos de ensino, de aula, relatórios, observações, avaliações, questionários e roda de conversa. O público alvo caracteriza-se por 50 alunos sendo 27 alunos do 1º ano, e 23 do 2º ano do Ensino Fundamental, nos quais 27 são do sexo masculino e 23 do sexo feminino, dentre elas havendo 1 pessoa com deficiência física, e 2 com deficiência intelectual.

Utilizaremos também seus depoimentos, falas e feedbacks que ocorreram no decorrer das intervenções.

Nas primeiras aulas da disciplina de estágio supervisionado foram realizadas reuniões na sala de aula com a professora orientadora, e nessas reuniões foram definidos os temas e elaborados os planos de ensino. Após esse momento inicial, na aula seguinte os estagiários foram à campo e realizaram uma visita técnica (observação do funcionamento das aulas, horários, turmas, materiais). Em seguida retornaram à universidade, e elaboraram os planos de aula, seguindo a lógica de: uma intervenção em campo nas segundas-feiras; e discussão, correção de relatórios e pesquisa com a Orientadora em sala de aula nas quartas-feiras. Ao final das intervenções as segundas-feiras, bem como as quartas foram para realizar a correção dos relatórios e a redação do relatório final.

O plano de ensino foi composto por três unidades. Nas Unidades I e II foram realizadas aproximações com o tema de Ginástica, através de atividades que

envolviam as possibilidades de movimento relacionados ao tema – saltos, rolamentos e equilíbrios e a combinação destes movimentos, bem como a construção dos implementos da Ginástica Rítmica, exploração dos movimentos com a utilização dos mesmos, e a criação de uma coreografia. Na unidade III, partiu-se para as especificidades da Ginástica Acrobática, através da realização de circuitos ginásticos, pirâmides humanas e demonstração livre dos conceitos apreendidos.

Ao início de cada intervenção era realizada uma roda de conversa e os alunos expressavam suas opiniões sobre o conteúdo trabalhado na intervenção anterior e os conhecimentos que adquiriram com as atividades.

3 ANÁLISES E RESULTADOS

O estágio iniciou-se com o exercício de construção do tema/problema de pesquisa. Em função do tempo e das condições deste processo era necessário, antes de conhecermos a escola, pensarmos no que iríamos desenvolver. Após este primeiro exercício, elaboramos um plano de ensino, composto por três unidades (vide Plano de Ensino – Anexos), nas quais fragmentamos em planos de aula que desenvolvemos ao longo das intervenções.

Antes da primeira intervenção direta com os alunos, fomos convidados pelo professor a assistir sua aula, pois necessitaria realizar uma avaliação inicial, seguindo o protocolo da escola. Notamos, durante a realização das atividades que ele utilizava elementos da concepção de aulas abertas. Conforme Hildebrandt & Laging (1986),

[...] as concepções de ensino são abertas, quando os alunos participam das decisões em relação aos objetivos, conteúdos e âmbitos de transmissão ou dentro deste complexo de decisão. O grau de abertura depende do grau de possibilidade de co-decisão. As possibilidades de decisão dos alunos são determinadas cada vez mais pela decisão prévia do professor (p.15).

No nosso primeiro contato com a turma, fomos apresentados pelo professor supervisor e aplicamos um questionário para verificar o quanto os alunos conheciam o tema. Na turma do 1º ano, foi necessário explicarmos cada item do questionário, pois a maioria dos alunos não estava plenamente alfabetizada (e o questionário foi elaborado com imagens para facilitar o entendimento das questões). Nesta turma, dos 27 alunos presentes, a grande maioria (74,1%) demonstrou relacionar a ginástica com finalidade de desenvolver força, marcando como principal local de

prática a academia (74,1% marcaram a habilidade “força” e 81,5% o local “academia” no questionário). Vale a pena ressaltar que nas habilidades, os alunos poderiam marcar também: “flexibilidade” e “equilíbrio”; e nos locais apropriados à prática: “circo”, “escola”, “praia”, “rua” e “água”. Numa primeira análise, constatamos que o conhecimento dos alunos sobre a ginástica está culturalmente relacionado. O predomínio midiático dos esportes coletivos, e sua influência na sociedade e na educação, visto que “o conhecimento acerca da Ginástica não está mais presente na escola pública, enquanto conhecimento alicerçado em uma consistente base teórica, mas como uma modalidade esportiva para poucos” (ALMEIDA, 2005, p. 16), servindo de preparação para os outros tipos de esportes; os professores optam por negligenciá-la nas suas práticas por inabilidades técnicas ou pedagógicas, ou simplesmente por não estar culturalmente fundada no país. Curiosamente, os alunos não relacionaram a ginástica com as acrobacias feitas nos circos, possivelmente denotando que os mesmos não costumam frequentar esses espaços. A maior parte foi coerente nas respostas acerca das vestimentas apropriadas para a prática da ginástica (81,5% marcaram “uniforme escolar” e 77,8% marcaram “roupas leves”). No quesito “habilidades da ginástica que sei realizar”, os alunos dessa turma marcaram, em sua maioria, “rolar” (81,5%) e “saltar” (51,9%).

Na turma do 2º ano, com 19 alunos presentes, as respostas foram similares aos alunos da turma anterior, com algumas variações: apesar da maior parte dos alunos marcarem como habilidade “força”, houve mais frequência nas respostas de “equilíbrio” e “flexibilidade” (57,9% e 42,1%, respectivamente). Sobre as vestimentas, 84% dos alunos marcaram “uniforme escolar”. Na questão tocante aos “locais de prática”, a frequência se mostrou similar à da turma do 1º ano, com 89,5% das marcações em “academia”. A respeito das habilidades ginásticas, a grande maioria julga ser capaz de saltar (94,7%) e rolar (89,5%). A avaliação dessas habilidades na prática foi baseada estágios de desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais (2 a 7 anos) de Gallahue (2008). Porém, nosso foco não se restringe apenas aos atos motores, mas afim de diagnóstico, e por não possuir recursos necessários para a coleta dados necessários aos protocolos e tempo disponível, optamos por observar de um a três critérios de cada habilidade.

Adotamos como critérios para o salto: altura atingida e a qualidade das fases de impulsão e aterrissagem (pontuação 3 se os pés se encontravam unidos, como

no movimento ginástico e se a aterrissagem era controlada, muito próximo do local da impulsão – estágio maduro); para o rolamento: se a cabeça não toca o chão na fase inicial e o movimento evolui sem o desvio para os lados, com as pernas unidas e os joelhos flexionados (se sim para todos, pontuação 3); para o equilíbrio: a fluidez do movimento, a execução sem a ajuda dos professores, a execução com movimentos compensatórios amplos (pontuação 3). A lógica de pontuação foi: 3, se atende todos os critérios; 2 se atende pelo menos 2 critérios, e 1 se atende um ou nenhum critério.

Inicialmente, a turma do 1º ano, obteve a seguinte distribuição:

Pontuações/%	Rolamento	Salto	Equilíbrio
3	46,15%	53,85%	57,69%
2	46,15%	38,46%	38,46%
1	7,69%	7,69%	3,85%

A turma do 2º ano obteve:

Pontuações/%	Rolamento	Salto	Equilíbrio
3	44,44%	55,56%	33,33%
2	50,00%	44,44%	55,56%
1	5,56%	0,00%	11,11%

Observamos que de modo geral a turma do 1º apresentou resultados mais satisfatórios nos rolamentos e equilíbrios, enquanto a turma do 2º ano obteve maior desempenho nos saltos. Em ambas as turmas não houve uma grande flutuação entre o nível 3 (ótimo) e o 2 (regular), e não foram muitos os alunos que não conseguiram atingir esses critérios. Constatamos a necessidade de trabalhar os conteúdos ginásticos de modo a aprimorar essas habilidades e “nivelar” os alunos que possuem alguma dificuldade, ainda que mínima (os que obtiveram nota 2).

Na avaliação final constatamos na turma do 1º ano:

Pontuações / %	Rolamento	Salto	Equilíbrio
3	48,15%	51,85%	81,48%
2	44,44%	37,04%	18,52%
1	7,41%	11,11%	0,00%

E na do 2º ano:

Pontuações / %	Rolamento	Salto	Equilíbrio
3	82,61%	65,22%	78,26%
2	13,04%	26,09%	17,39%
1	4,35%	8,70%	4,35%

Observa-se que houve uma melhora significativa nas habilidades motoras fundamentais, principalmente equilíbrio, na turma do 1º ano; e em todas, na do 2º ano.

Nas intervenções posteriores, afim de estimular a criatividade, expressão corporal própria e subjetiva, utilizamos a dança, circuitos ginásticos, construção de implementos e realização/criação de coreografias que além dos movimentos relacionados à Ginástica (Natural, Artística, Rítmica e Acrobática), proporciona a socialização do conhecimento e novas experiências no Se-Movimentar. Em relação à dança Kunz (2014, p. 93), ressalta que “os movimentos na dança, em geral, um ritual de imitação/representação de movimentos: da natureza, do mundo da vida”, e “pode se dizer que o movimento humano na dança se apresenta muito mais numa perspectiva de expressão e vivência do que pela padronização e pela predeterminação dos gestos” (*idem*, p. 91).

No trabalho com a GPT prezamos o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais que estão relacionadas com a mesma, no entanto, priorizando a expressão corporal intersubjetiva. Em relação às habilidades, principalmente de equilíbrio (que constatamos maior necessidade), o aprimoramento é importante, pois “exercem um papel importante no desenvolvimento do controle total do corpo” (GALLAHUE & DONNELLY, 2008, p. 421). Procuramos trabalhar com o visual, demonstrando através de imagens ilustrativas o que pretendíamos dos alunos na sua realização e em grupos de dois, três e até quatro alunos. Utilizando esse recurso, acreditamos que o mesmo contribuiu para o desenvolvimento da competência comunicativa (KUNZ, 2014), pois após olharem a foto os alunos se organizavam de forma autônoma; poucos necessitaram de ajustes na interpretação

dos movimentos. Sobre a didática comunicativa relacionada com o conteúdo trabalhado, procuramos estimular o compartilhamento do conhecimento adquirido através do diálogo, e vale a pena ressaltar algumas falas como: *“eu goste muito das pirâmides”*; *“eu gostei daquela de fazer as fitas e saltar no cavalo também”* e ainda *“professor eu me lembro da aula com o bambolê”*. Durante as rodas de conversa e *feedbacks* que realizamos, perguntamos qual a aula ou atividade que mais gostaram, e ouvimos: *“-a aula de andar se equilibrando no banco e pular a corda foi a que mais gostei!”*; *“-aquela de pular e rolar no colchonete!”*.

Podemos mencionar também que alguns alunos gostaram da aula das pirâmides: *“-eu gostei mais das pirâmides”* e *“-aquela de ficar um em cima do outro”* se referindo também as pirâmides. Para outros foi a que utilizamos o plinto como cavalo para salto e transposição: *“-de pular no cavalo”*, *“do cavalo foi bem legal!”*; *“-gostei de pular no cavalo!”*. Um aluno do 2º ano lembrou-se da aula da fita: *“-a da fita com o jornal, girar a fita foi muito bom!”*, outro lembrou também de umas das primeiras aulas, *“-a de imitar os animais foi a que mais gostei!”*.

Foi importante saber quais foram as dificuldades ou atividades que os alunos não gostaram: *“-foi difícil aquela de pula e fazer cambalhota!”*; *“-algumas das pirâmides deu medo!”*, *“foi mais difícil o avião!”*. Já para um aluno do 2º ano nenhuma foi difícil *“-não achei nenhuma das aulas muito difícil, professor!”*. Ao final das intervenções, alguns alunos relataram: *“eu goste muito das pirâmides, porque era com as minhas amigas”*; *“aquela de fazer as fitas, aprendemos a fazer fitas com jornais”*; *“saltar no cavalo também foi difícil mais divertido”* e ainda *“professor eu me lembro da aula com o bambolê, quando fizemos os movimentos juntos”*. Kunz (2014) alerta para a necessidade de exercitar a linguagem verbal nas aulas de Educação Física, desmentindo o pressuposto de que *“muita “conversa” limita as possibilidades ativas, de movimentos dos alunos, e de que uma aula de EF deve se constituir apenas de movimentos”* (p. 49). Pelo contrário, *“[...] é a linguagem que permite interpretar nossas experiências bem como as experiências dos participantes num processo de ensino”* (*idem*, p. 49).

Desde o início do processo visamos, *“[...] mediante a tematização das diferentes perspectivas da cultura de movimentos e pelo uso e organização do ensino a partir de arranjos materiais, [...] transcender limites”* (KUNZ, 1991, 1994 *apud* BONETTI, 2000, p. 224). Para que isto ocorra, o processo deve orientar-se:

[...] em três fases: 1) na experimentação, procurando extrapolar as possibilidades básicas propostas pelos materiais e regras; 2) na aprendizagem, com a ampliação ilimitada das possibilidades de aprender e 3) na criação/invenção, com a possibilidade de avançar em todos os sentidos as propostas vivenciadas e discutidas (*ibidem*).

Todas as intervenções aconteceram dentro da normalidade, com pequenos ajustes devido ao tempo e certos movimentos, onde o grau de dificuldade na execução fez com que tivéssemos que ajustar, porém nada que saísse do conteúdo proposto.

Durante o desenvolvimento das atividades, percebemos que o grau de interesse por parte dos alunos foi crescente, todos participaram e víamos em suas expressões e movimentos que estavam gostando da aula. Segundo Gaio *et.al.* (2010, p. 214), “vivências de atividades ginásticas no contexto escolar propiciam à criança e ao jovem conhecer seu corpo, suas possibilidades de movimento e, conseqüentemente, seus limites corporais”.

As atividades lúdicas que utilizamos para vivenciar a Ginástica permitiram as crianças conhecerem não somente as modalidades, mas também propiciar a expressão criativa e comunicativa (tendo como pressuposto a linguagem corporal expressa através do movimento) e a partir destes desenvolver suas habilidades e desafiar seus limites. Acreditamos que atividades transformadas em brincadeiras transformam a aula mais divertida e instigante para as crianças.

Nas atividades de criação (implemento – fita; coreografia), os alunos realizaram circuitos de movimentos variados e com combinações, utilizando a fita (no primeiro momento realizaram movimentos de livre expressão, e após movimentos dirigidos). Observamos que os alunos se interessaram pela temática e criaram movimentos próprios com a fita, e movimentos que os colegas realizavam, expressando sua criatividade. Essas atitudes demonstram que a ginástica, quando executada respeitando as habilidades e capacidades individuais, não prezando somente os quesitos técnicos, possibilita a integração de indivíduos com diferentes níveis de experiência, na expressão da intersubjetividade (MACHADO, 2011; KUNZ, 2014), “afim de constituir sentidos no que realiza, e ao fazer isso, conseqüentemente ocorrerá sempre uma recriação das brincadeiras” (KUNZ, 2015, p. 19). Após a realização dos movimentos com este implemento, os alunos experimentaram os deslocamentos com a bola e por fim com o arco, onde realizaram movimentos coreografados. Em algumas atividades, os alunos realizaram os movimentos

ginásticos acompanhados de música, especialmente nas atividades com o arco (onde foi criada e realizada a coreografia). Tanto a construção quanto os movimentos foram realizados na quadra coberta e houve espaço suficiente para a realização da aula. O uso dos materiais foi apropriado, ainda permitiram a conscientização para o uso de materiais alternativos, como o jornal.

Em praticamente todas as intervenções os alunos demonstraram muito envolvimento e interações entre si, o que nos permitiu seguir conforme o planejado e dentro do tempo que tínhamos para a aula. Conforme Machado (2011, p. 5) a Ginástica “provoca a curiosidade e motivação dos alunos, criando expectativas com as atividades, principalmente pela variedade de modalidades, movimentos e equipamentos que podem ser explorados”. Parece que as crianças tendem a não perceber a imagem técnica que vemos (não significando que foi negligenciada na execução), para eles a atividade adquiriu um caráter lúdico, de fruição, tanto de prazer (de conseguir completar a sequência) quanto desprazer (no caráter desafiador, que não desanima, mas persiste), da exteriorização da sensibilidade e propriocepção (SANTIN, 1993). O espaço da quadra, apesar de ser dividido com outras turmas, permite uma boa movimentação, onde também utilizamos os materiais disponíveis (colchonetes, arcos, bolas, plinto) para realização dos movimentos pelas crianças.

Porém cabe ressaltar que os alunos do 1º ano tiveram dificuldade com o manuseio e construção da fita, poucos conseguiram de alguma forma construir alguma etapa do elemento, sozinhos. Assim foi necessária nossa intervenção e ajuda na construção praticamente em todo o processo. Os alunos do 2º ano tiveram melhor desempenho e conseguiram construir pelo menos uma etapa da construção e ainda ajudavam os demais colegas que não conseguiam. Um ponto marcante a ser mencionado ocorreu durante as aulas com o 2º ano, que possui duas alunas portadoras de necessidades especiais: o grupo onde elas estavam inseridas contribuíram muito para o desenvolvimento das atividades, elas realmente se integraram, não havendo nessa turma preconceitos e discriminação, ao invés, observamos em todas as intervenções o comportamento positivo da turma com esses alunos (incentivo, colaboração e auxílio nas atividades) víamos a preocupação das colegas em querer estar no grupo delas para ajudá-las e proporcionar este momento de experiência que tanto precisam. Durante nossas

práticas incluindo essas crianças, procuramos, conforme Strapasson (2007), respeitar algumas atitudes, como

[...] demonstrar o exercício ou a atividade após explicação do mesmo, assim os alunos recebem duas fontes de informação; iniciar com exercícios de fácil execução e aumentar o grau de dificuldade gradativamente, favorecendo situações de sucesso; incentivar o auxílio dos alunos como monitores e ajudantes de turma, favorecendo a independência, a autonomia e a cooperação.

Acreditamos que o envolvimento que os alunos demonstraram durante as atividades, o capricho e a demonstração do aprendizado (através do diálogo, da execução, construção dos implementos e do mural) demonstra a importância que deram para as aulas e podemos ter a certeza que levaram um pouco do que buscamos transmitir em nossas aulas, guardadas em suas memórias e que serão transmitidas, transformadas em movimentos durante suas brincadeiras em casa, na própria escola e para suas vidas

No que diz respeito à concentração, a turma do 2º ano foi menos “produtiva”. A questão da faixa etária pode ser fator preponderante, mas achávamos que o desenvolvimento ocorresse de forma mais produtiva em ambas as turmas. Talvez os alunos, precisem de mais tempo, ou ainda, de mais experiências, quem sabe desenvolver atividades como esta, incluindo a interdisciplinaridade, aulas de Educação Física em conjunto a de Artes, por exemplo.

Houve também alguns problemas comportamentais: particularmente na atividade de construir a fita, os alunos que utilizavam o elemento para “brincar” de espada, outros dispersavam e tumultuavam a aula, na qual precisávamos intervir e também nos levou a pensar que atividades como esta, apesar do espaço ser ótimo, utilizarmos a sala de aula para futuras aulas de construção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com a certeza da importância que o estágio supervisionado tem na nossa formação profissional. Sermos possibilitados a relacionar a teoria com a prática, afim de repensá-la e reformulá-la, conduta denominada *práxis*, é indubitavelmente indispensável na consecução das atitudes de professores-pesquisadores.

Acreditamos no processo de ensino-aprendizagem, crítico e comunicativo afim de emancipar os sujeitos. Nesse sentido, buscamos métodos que

proporcionassem aos alunos do ensino fundamental, experiências corporais, motoras e expressivas por meio da Ginástica para Todos.

Constatamos, através dos resultados positivos alcançados nas intervenções e a satisfação dos objetivos propostos, que a Ginástica para Todos vivências lúdicas e ao mesmo tempo desafiadoras, transcendência de limites, a expressão corporal (inter)subjetiva nas competências objetivas, sociais e comunicativas, bem como a melhora das habilidades motoras fundamentais que são relacionadas com a Ginástica, porém, não se bastam à mesma, pois são habilidades utilizadas na vida cotidiana. As dificuldades que encontramos nas questões culturais, motoras, interacionais e de individualidades limitam sobremaneira o aluno na descoberta de novas experiências, assim como também o professor de utilizar a ginástica em suas aulas.

A proposta foi simultaneamente prazerosa e desafiadora. Percebemos que para aplicação das atividades é necessário estar sempre buscando novos conhecimentos. E compreender nosso papel de grande relevância na construção de uma sociedade mais crítica e emancipada na formação de indivíduos mais ativos e que podem a partir de seus movimentos, gestos, atitudes e valores se constituírem-se como sujeitos plenos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Roseane A. **A ginástica na escola e na formação de professores**. 2005. 213 f. (Tese – Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

AYOUB, Eliana. **A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física escolar**. 1998. 186 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

_____. **Ginástica geral e Educação Física escolar**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

BARBANTI, V. J. **Dicionário da Educação Física e do Esporte**. Manole, 2 Ed., Barueri, 2003.

BONETTI, Albertina. **Perspectivas teórico-metodológicas para a ginástica: alguns subsídios para redimensioná-la na Educação Física escolar**. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 14, p. 221-230, jan. 2000. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5841>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 136 p. (Coleção Educação Física).

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física**. MEC/SEF, 1998.

GAIO, Roberta *et.al.* **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2ª. ed., São Paulo: Phorte, 2010.

GALLAHUE, David L; DONNELLY, Frances Cleland. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4. ed. São Paulo, SP: Phorte, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas ao ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. 152 p.

_____. **Brincar e Se-Movimentar – tempos e espaços de vida das crianças**. 1. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. 133p.

MACHADO, Hinaiana dos Santos. **A ginástica circense na escola: um relato de experiência**. Disponível em:

[http://www.pinhais.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/seminario/uploadAddress/Pôster_-_Hinaiana_dos_Santos_Machado\[2282\].pdf](http://www.pinhais.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/seminario/uploadAddress/Pôster_-_Hinaiana_dos_Santos_Machado[2282].pdf). Acesso em: 14 mai. 2015.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. *Caderno de pesquisas em administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem. 1996.

Disponível em:

http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf. Acesso em: 20 jun. 2016.

OLIVEIRA, Nara R. Cruz. **Ginástica para todos: perspectivas no contexto do lazer**. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* – 2007, vol. 6 n. 1, p. 27-35. Disponível em:

http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REM_EFE-6-1-2007/art02_edfis6n1.pdf. Acesso em 14 mai. 2016.

SANTIN, Silvino. **Educação Física e outros caminhos**. 2. ed., Porto Alegre: EST/ESEF, 1993.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 1987.